

Produção de vídeo como expressão do ser nas populações sem voz e sem rosto: um relato de caso de produção audiovisual com adolescentes da periferia de Curitiba

Video production as an expression of the being in the voiceless and faceless populations: a case report on audiovisual production with teenagers from the periphery of Curitiba

Dagoberto Ludwig Schelin, Mestre em Produção de Mídia pela Hochschule Ostwestfalen-Lippe, University of Applied Sciences, Alemanha
Professor do curso de Comunicação Social da Universidade Tuiuti do Paraná, dago.schelin@utp.br

Claudio Ferraz Oliver, Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Professor do curso de Gestão Ambiental da Faculdade Evangélica do Paraná, claudiofoliver@gmail.com

Resumo

Este artigo relata e analisa um caso de um projeto de produção audiovisual em vídeo por adolescentes em situação de fragilidade social residentes na periferia de Curitiba. O artigo se compõe da descrição do ambiente demográfico-social onde aconteceu o projeto, análise crítica e a reflexão sobre os limites e possibilidades da expressão do ser em situações de desvantagem social.

Abstract

This article reports and analyses a case of an audiovisual production project in video by adolescents living in a socially fragile situation in the periphery of Curitiba. The article is composed of a description of the social-demographic environment where the project took place, a critical analysis and a reflection on the limits and possibilities of the expression of the being within a situation of social disadvantage.

Palavras-chave: produção audiovisual, expressão do ser, adolescentes, inclusão social

Key words: audiovisual production, expression of the being, adolescents, social inclusion

1. Introdução

1.1 Contexto

Curitiba é a sétima maior cidade do país, com um pouco mais de 1,7 milhões de habitantes¹. O crescimento da cidade reproduz o fato de que 80% dos quase 200 milhões de brasileiros reside em áreas urbanas. O bairro Fanny abriga 0,5% da população curitibana, e o perfil social abriga as classes C, D e E. Uma ONG local² promoveu ali um projeto de produção audiovisual denominado “Nós na Tela”. No projeto são selecionados 10 (dez) participantes entre 13 (treze) e 17 (dezessete) anos de idade para atuarem em um programa que consiste de discussões e produções audiovisuais relacionados ao seu dia-a-dia. A reflexão filosófica que serve como ponto de partida do programa é a possibilidade de expressão do ser conforme proposta por Adorno (2003, p. 1) e nos diversos textos do grupo conhecido como “Escola de Frankfurt”. A questão central se coloca na pergunta: é possível ser? Se a resposta a essa pergunta é assumida como positiva, então segue-se a hipótese de que deverá ser possível projetar esse ser que é para além de si, tendo o mundo como tela e ambiente de expressão e correlações. A tecnologia de produção audiovisual permite capturar, servir de canal de expressão e contato e expor os possíveis resultados em uma tela física que permita o ser ouvido, visto e discutido em uma relação palco/platéia.

1.2 Visão geral

O projeto Nós na Tela funciona no estabelecimento da tensão entre o que se passa no coletivo, em contraposição à expressão individual. Embora o Nós na Tela seja um programa anual, desenvolvido desde 2005, o presente artigo foi baseado nos resultados do “Nós na Tela 2007”, realizado de agosto a novembro daquele ano, no qual os autores estiveram direta e ativamente envolvidos.

¹ IBGE <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> 20h30, 2 de julho, 2011

² Associação Casa da Videira, www.casadavideira.com.br

2. Método

2.1 O Projeto

O Nós na Tela é um projeto de produção de vídeo para adolescentes desenvolvido em dois encontros por semana, realizado durante 4 meses, duas vezes ao ano.

Em 2007 a tarefa do Nós na Tela consistiu em produzir um programa documental em vídeo sintetizando o processo pelo qual produção audiovisual foi assimilada por meio da criação de videoclipes musicais, pesquisas e um documentário. Como tema do documentário foi escolhido pelo grupo o tópico da UNICEF para o Dia Internacional de Videodifusão da Criança³ em 2007, “Que Mundo Queremos?”.

2.2 Parcerias

Juntamente com a Casa da Videira, há mais duas organizações apoiando o Nós na Tela: o Canal Futura e a TV Lúmen. Cada instituição coopera com equipamento, espaços e pessoas. Além dessa parceria, existem várias outras instituições e pessoas que vieram cooperar regularmente com o processo criativo do Nós na Tela: bolsistas do curso de Comunicação da Universidade Federal do Paraná e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paralelo Centro de Artes Visuais⁴, o Projeto Olho Vivo⁵ e *The Work of the People*⁶.

2.3 As Oficinas

As oficinas acontecem de maneira descontraída com os participantes e facilitadores sentados em círculo. Começa-se com dinâmicas para todos se conhecerem e com atividades para despertar a criatividade e o senso de trabalho em grupo.

Em grupos menores, uma das primeiras atividades com vídeo é a produção de um clipe musical. Através de leituras, exemplos e análises de clipes, são descobertas

³ International Children's Day of Broadcasting (ICDB) http://www.unicef.org/videoaudio/video_icdb.html 22h30, 3 de julho, 2011

⁴ <http://paralelocentro.com.br> 20h30, 3 de julho, 2011

⁵ www.projetoohovivo.com.br 21h30, 3 de julho, 2011

⁶ www.theworkofthepeople.com 23h30, 3 de julho, 2011

várias características que deverão estar presentes não somente nos clipes, mas também na linguagem do documentário. O objetivo é dar aos participantes a possibilidade de uma experiência prática para ajudá-los a aprender no fazer, em contraposição ao aprender teórico. Segundo Pontes (2003, p. 2), “a influência da linguagem do videoclipe é notada em todos os aspectos da comunicação em massa”: ângulos de câmera extremos, movimentos complexos, uma série de imagens de 2 (dois) segundos, saturação de cores, imagens simultâneas, câmera lenta e rápida, etc. Todas estas técnicas são opções a serem consideradas enquanto os adolescentes planejam seus próprios videoclipes. Técnicas são aprendidas de uma forma prática, especialmente através de experimentações nessa primeira tentativa de produzir um clipe.

Após a realização de sua primeira produção, os jovens do Nós na Tela têm diante de si o desafio de fazer um documentário curta-metragem. “Que Mundo Queremos?” foi colocado na mesa para debate, *brainstorming*, até a conclusão de uma delimitação temática: uma visão crítica sobre o automóvel na nossa sociedade, especificamente em Curitiba, concomitante à proposta de uma alternativa positiva, nesse caso, a bicicleta.

Desde as primeiras idéias até os detalhes finais há um longo processo que ultrapassa os meros encontros nas oficinas. Há momentos de imersão total nos temas e tarefas. Além disso, o processo não é livre das dificuldades pessoais de cada um e do dia-a-dia. Trabalhar e lidar com essas circunstâncias é um valor intrínseco do Nós na Tela, e há sempre um elemento de surpresa sobre como os adolescentes se expressarão através das produções.

2.4 Questões do processo

Em cada turma do Nós na Tela sempre existe o “elemento surpresa”, que se traduz na verticalidade de cada grupo que relaciona a temática escolhida com o pano de fundo teórico do programa. O elemento de surpresa na turma que serviu de base para o presente relato acabou se tornando um gerador de questões a serem trabalhadas em torno da mobilidade urbana e o papel de cada pessoa na tomada de decisões e iniciativa pessoal.

Dentro da ementa do programa, por mais que seja útil saber como fazer

produções como as que são feitas para a televisão, não é o objetivo do Nós na Tela ensinar os participantes a se portarem como “produtores de mídia de massa somente para produzir mais do mesmo para uma audiência massificada” (MCLUHAN & FIORE, 1967, p. 87). O objetivo é que possam falar com sua própria voz, não para expressar o que se espera de “uma auto-imagem baseada em imagens comerciais⁷” (SEPPÄNEN, 2006, p. 44).

Outras questões surgiram durante as oficinas desta equipe, como sói acontecer em cada nova edição. O que pareceu a princípio uma eventualidade acabou por se tornar um dos temas do documentário em si: a apatia. A falta de vontade de se comprometer e assumir a responsabilidade pelo trabalho em andamento levou o grupo para uma discussão sobre a apatia na juventude, um reflexo da sociedade contemporânea. As discussões em torno do tema foram registradas em vídeos que podem ser assistidos no documentário final através do link www.vimeo.com/dago/nnt.

3. Resultados

Passados os 4 meses do curso, realizou-se a produção de dois videoclipes e um documentário. Além desses vídeos, também foram feitas produções em paralelo com participantes do Nós na Tela em parceria com outros realizadores. Esses vídeos, animações em *stop-motion* e entrevistas com artistas locais, foram incorporados ao programa final embora possam ser assistidos tanto unitariamente quanto como um documentário-processo. O documentário foi enfim transmitido em rede nacional pelo Canal Futura no dia 9 de dezembro de 2007.

4. Discussão

4.1 Exclusão e identidade

A Fanny está localizada no centro geográfico de Curitiba, que em função do planejamento viário da cidade tende a passar despercebido pela maior parte da população. A Fanny pode ser considerada uma representante padrão da periferia da cidade, onde a maioria da população vive em áreas com muito menos árvores e opções

⁷ Original: “a self-image that relies on an advertisement image.”

culturais do que o publicitado⁸. Realisticamente, a Fanny é um bairro “não incluído”, especialmente se se levar em consideração os slogans de “Curitiba, Cidade Modelo”, “a Capital Ecológica do Brasil” e “Capital Social” (ZIRKL, 2003, p. 29).

A expressão do ser deve ser vista no contexto dessa exclusão. Nessa perspectiva, para uma parte razoável da sociedade, os participantes do Nós na Tela são simplesmente a prole de uma maioria estatística, um grupo anônimo em busca de se encaixar naquilo que Esteva e Prakash chamam de “o projeto global”⁹. Entretanto, é interessante observar que esse anonimato social da Fanny não é diferente do anonimato da maioria dos habitantes de Curitiba se comparadas as médias salariais, etárias, religiosas e demográficas (IPPUC)¹⁰. Em outras palavras, a maior parte da população vive em áreas excluídas, uma realidade não distante da maioria dos brasileiros.

4.2 A questão do Ser

Como alguém expressa o seu ser em meio a tal exclusão (Adorno, 2003)? O que significa para um adolescente que mora na Fanny produzir um vídeo no qual terá de decidir o conteúdo, fazer escolhas estéticas e técnicas a fim de desenvolver sua própria expressão? Essa expressão enfrenta vários desafios.

Na televisão o espectador encontra-se diante de uma ordem visual previamente programada: há um número limitado de canais, um ponto de vista tendencioso (por melhor que seja). Até com o desenvolvimento de programas de TV interativos, ainda trata-se de uma possibilidade de intervenção limitada por parte daquele que está diante da tela. Segundo Slater (1995, p. 146), “a liberdade de manobrar dentro de, assim como escolher dentre, essas estruturas não é um substituto pelo poder de criar estruturas”¹¹. No Nós na Tela, de maneira prática, o espectador torna-se um criador.

⁸ Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
http://ippucnet.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/Curitiba_em_dados_Pesquisa.as.p, 15:07, 24 de novembro de 2008

⁹ O ativista mexicano Gustavo Esteva e o educador indiano Madhu Prakash usam o termo “projeto global” para aludir à atual série de políticas e programas promovidas ao redor do mundo pelos governos dos países industriais com a ajuda de seus “amigos” – as instituições e corporações internacionais igualmente comprometidas com a integração econômica do mundo e do credo mercadológico. Esteva, G., & Prakash, M. (1998). *Grassroots post-modernism*. London: Zed.

¹⁰ Idem - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

¹¹ Original: “Freedom to maneuver within, as well as to choose between, these structures is no substitute for the power to create structures.”

Há uma tendência de focar somente nos aspectos técnicos como em equipamentos e softwares que, embora sejam importantes, deveriam ser vistos apenas como meios. A expressão do ser parece requerer um constante evitar dessa tal fixação nas ferramentas, “a armadilha de nos tornarmos extensões de nossos Apples e IBMs”¹² (ESTEVA, 1998, p. 73), para que eles não se tornem um fim em si mesmos. É verdade que “todos os meios são extensões de alguma faculdade humana”¹³ (MCLUHAN & FIORE, 1967, p. 26) e que a câmera de vídeo pode ser considerada uma extensão dos olhos, entretanto, a extensão do que “os olhos escolhem ver” (ILLICH, 1995, p. 4) é de maior importância. A questão da escolha do olhar é ricamente analisada por Ivan Illich (1995, p. 9) em seu ensaio intitulado *Protegendo o Olho na Era do Show*¹⁴, uma era em que “o olho se torna dependente de interfaces ao invés da imaginação”¹⁵.

4.3 A expressão do ser de quem?

A intenção do Nós na tela não é de que indivíduos aprendam a operar ferramentas audiovisuais a fim de fazer um filme. Não é o adolescente que, individualmente, fará um filme. De acordo com Esteva, indivíduos não são nada além de uma invenção abstrata da modernidade (ESTEVA, 1998, p. 33). Ao descrever o que ele chama de o eu-individual¹⁶, Esteva aponta para uma crise na identidade moderna, vinda desde o Iluminismo, em que as pessoas têm seu ser des-membrado¹⁷ pelos aspectos compartimentalizados do meio urbano. Em direta contraposição à noção de indivíduo está o título do projeto: Nós na Tela, com um destaque no “Nós”, plural de “nó” e ao mesmo tempo plural de “eu”, em que a expressão do ser se torna um nós-somos¹⁸ (ESTEVA, 1998, p. 33), um ser coletivo identificado por cada participante como algo que vem de si, algo que vem do seu ser. “Nenhum ‘eu’ poderia ser entendido sem um ‘nós’”¹⁹ (ESTEVA, 1998, p. 34), em suma, levanta-se a questão de que “eu sou, se nós somos”. Cada autor pode ver-se a si e enxergar a sua contribuição no vídeos. O ser do criador está

¹² Original: “the trap of becoming extensions of our Apples and IBMs.”

¹³ Original: “all media are extensions of some human faculty.”

¹⁴ *Guarding the Eye in the Age of Show*

¹⁵ Original: “the eye becomes dependent on interface rather than imagination.”

¹⁶ Original: individual-self

¹⁷ Original: dis-membered

¹⁸ Original: *we-being*

¹⁹ Original: “No ‘I’ could possibly be understood without a ‘we’.”

evidente na sua criação.

Semelhantemente, aqueles que vêm simplesmente para assistir o resultado – pais, parentes e amigos – também poderão se identificar com o que vêm expresso na tela. Isso é possível porque o aspecto documental do Nós na Tela serve como uma memória coletiva, um trabalho em que muitas pessoas se vêem. Em contraste, poder-se-ia dizer que a expressão de um eu-individual seria verdadeiramente compreendido egoisticamente apenas pelo próprio indivíduo.

A identificação com a expressão de um ser coletivo se dá na valorização do processo ao invés do mero produto. Cinema-processo documental é o que talvez melhor se encaixe como designação de estilo de produção do Nós na Tela atual. A importância do processo também está arraigada no coletivo, considerado como um solo saudável para a educação. Há um diálogo constante entre os jovens participantes e os facilitadores. Os jovens não são vistos como papéis em branco prontos para serem preenchidos, nem os instrutores como fornecedores de conteúdos.

Desde o princípio há uma troca intencional de informação e experiência. Há uma constante auto-vigilância para que os instrutores simplesmente facilitem a experiência de aprendizagem ao invés de ditar o plano de ação. Nas palavras de Paulo Freire, “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 69).

5. Conclusão

Não é segredo que o Nós na Tela está embutido num pressuposto em que o ser humano é uma imagem, um reflexo, ou um ícone de Ser supremo chamado de “eu sou quem eu sou”, também traduzido como “eu sou no ato de me tornar”, ou “eu serei o que quer que serei” (ARNOLD, 1905, pp. 126-127).

Se de fato nós somos, devemos poder externar nosso ser. Em vídeo-produção isso se torna uma ação prática especialmente dentre aqueles que, de outro modo, seriam tidos como invisíveis. Trata-se de uma tentativa não isenta de dificuldades e contratempos. Mesmo assim, as possibilidades são animadoras já que os próprios obstáculos tornam-se parte dessa expressão.

A experiência aqui relatada trouxe ao grupo facilitador perguntas e modificações

na dinâmica que se traduziram em mais perguntas, levadas a cabo em outros projetos de pesquisa acadêmica implementados pelos autores.

Foi possível observar a validade da alternativa de programa de ensino arte-tecnológico para o público-alvo específico aqui apresentado por representar a possibilidade de transcender o simples domínio técnico de ferramentas sem, entretanto, deixar de lado este aspecto, e de demonstrar a possibilidade do uso das mesmas como instrumentos capazes de permitir aos participantes serem vistos nos resultados do seu olhar para si mesmos.

Referências

- ADORNO, Theodor. *"Education after Auschwitz." Can One Live After Auschwitz? A Philosophical Reader.* R. Tiedemann (Ed.). Stanford, CA: Stanford University Press
- Arnold, W. R. (1905) The Divine Name in Exodus iii: 14. *Journal of Biblical Literature*, 2003, Vol. 24, No. 2, 107-165.
- ESTEVA, Gusavo e PRAKASH, Madhu. *Grassroots post-modernism.* 1998, London: Zed.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- ILLICH, Ivan. *Tools for Conviviality.* (World Perspectives, Vol. 47). Harper & Row, 1973
- LLICH, Ivan. Guarding the Eye in the Age of Show. http://www.pudel-uni-bremen.de/subjects/blick_gaze/Guardipu.pdf. 1995
- MCLUHAN, Marshall e FIORE, Quentin. *The Medium is the Massage.* 1967, San Francisco: Hardwired.
- PONTES, Pedro. *Linguagem dos videoclipes e as questões do indivíduo na pós-modernidade.* Sessões do Imaginário. Porto Alegre. no 10. novembro 2003. Semestral. FAMECOS / PUCRS
- SLATER, D. *Domestic photography and digital culture.* In *The photographic image in digital culture*, ed. M. Lister, 129-146. 1995, London and New York: Routledge.
- SEPPÄNEN, Janne. *The Power of the Gaze: an introduction to visual literacy.* NY, USA: Peter Lang Publishing, 2006
- ZIRKL, Frank. *Desenvolvimento Urbano de Curitiba (Brasil): Cidade Modelo ou uma Exceção?* 2003, Actas Latinoamericanas De Varsóvia
- DANTAS, Buca. Cinema Processo. 2006
<http://www.overmundo.com.br/overblog/cinema-processo> 08:26, May 29th 2006
- International Day of Children's Broadcasting (IDCB) by UNICEF
www.unicef.org/videoaudio/video_icdb.html 14:03, 3 de julho, 2011
- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
http://ippucnet.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/Curitiba_em_dados_Pesquisa.asp, 15:07, 3 de julho de 2011
- IBGE <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>, 12:34, 14 de novembro, 2008